



FANZINE

VoZES da TERRA n.º 1

Juventude que vive e constrói território Jovens moradores de São Sebastião

Somos muitos e somos diversos. Somos caiçaras, indígenas e migrantes. Somos baianos, cearenses, alagoanos, amazonenses, paulistas, paulistanos, cariocas, gaúchos, pés vermelhos, amarelos, negros e brancos. Somos estudantes, trabalhadores, periféricos e sonhadores. Filhos e filhas da mata, do campo e da cidade. Somos brasileiros e brasileiras. Nessa diversidade, nos encontramos. Viemos para somar à luta por justiça socioambiental, uma luta mundial, nacional e, para nós, impreterivelmente local. Impreterivelmente local porque nosso território e nossas famílias sofrem diariamente com a crise climática global: que alaga nossas ruas e casas, que dia sim, dia não, nos deixa sem energia, que destrói nossos morros, florestas, rios e mares. E que mata. Que violentamente assassina presentes e futuros das camadas mais vulneráveis em nossas comunidades. Nos encontramos pois é preciso dizer basta. É preciso tomar a construção da nossa comunidade em nossas próprias mãos.

Quem vem de fora nos visitar não nos enxerga, apenas passa e deixa de recordação o lixo e a poluição. O poder público que deveria cuidar da população muitas vezes é omissivo - e quando não o é, atua em descompasso com as necessidades do seu povo. Permite que milhares vivam sem moradia digna, sem saneamento básico, à mercê das intempéries sem infraestrutura adequada, ilhados em sua própria vulnerabilidade. Nos encontramos pois entendemos que quem vive este território são os únicos verdadeiramente interessados em zelar por ele, por sua cultura, por suas pessoas, por nós. Lutamos pela igualdade entre as pessoas, pela equidade entre classes, raças, gêneros e orientações sexuais, pelo futuro de nossas crianças e adolescentes, pela construção coletiva contínua do nosso território, da nossa cultura e da nossa comunidade. Enquanto estivermos juntos, a população sebastianense tem um poderoso aliado em sua luta por uma vida digna. Um não, muitos e muitas.

Manuel

Saí da Concha, no mangue, há caminho

No canto da Baleia estranhos fazem ninho

BusCam burilar a estrada com suas carangas

Turista se assusta com sapo-Boi em sua canga

Ideias oxidam em meio a Maresias

Com Pau barro, caiçara faz poesia

USam ti agora, que é útil, depois esfria

Não há Toque Toque Grande demais

Ou Toque Toque Pequeno demais

A gruta pinga benta áGua e cá dizem

Caco Eduardo Santos

João Gabriel Cataneo

Matheus Souza

Kaian Luís

Justiça Climática & Lutas Irmãs

(in)Tolerância Religiosa

*“Sua fé não é superior,
é diferente”*

Núcleo 2 - Boiçu

Fome de justiça

É segunda-feira,
acabei de passar um café.
O céu tá fechado,
e ao cair da noite a chuva aperta.
A água que tempos atrás era vida,
hoje nos traz incerteza.
As águas que serpenteavam pelos rios
hoje transbordam procurando casas.
Os morros deslizam,
e a água barrenta soterra sonhos
de quem trabalhou muito
e nunca teve opção.
Com isso morrem os peixes,
morrem as vegetações.
Passadas horas depois
que a água toma tudo,
a gente recomeça
com fome de justiça.
A mídia escancara, explora
e ameniza pra política.
O café esfriou,
o barro secou,
e começa um novo dia.
E quem tem acesso à justiça?

Sandy E. Santos



Lyn



Aly

“Quantas gotas de chuva cabem no cair de uma lágrima? É Criolo, eu também tô querendo um gole de vida para as mais de 50 vítimas de minha terra destruída. Devastada. Desnutrida. Racismo ambiental é fruto da ganância do homem podre que fede a direita, interesse e propina. Não foi acidente. Foi plano arquitetado. Onde faltam políticas públicas, eles distorcem tudo e colocam a culpa nas vítimas. [...] E a cada fevereiro que passa essa selva continua morrendo. É desmatamento, choro, vela e deslizamento. A barreira social é a mesma barreira que mata pessoas que só queriam um teto pra chamar de seu. Só queriam uma toalha limpa, uma água transparente pra beber, um sabonete, um travesseiro. [...] Há tempos que eu não me deito. Não é insônia, é medo. E como eu detesto pedir: Ajuda! Socorro! É a súplica de quem nem teve tempo para reagir. E quem vai acudir? O tempo passa e a novela se repete. Não vale a pena ver de novo. Casas, escombros, animais perdidos, roupas fedendo a esgoto. Da aldeia ao morro. Da sua bituca no chão ao turismo predatório. Do céu ao inferno. Eu só peço pra que esse filme de terror nunca se repita de novo. Porque a dor que eu sinto, a dor que meu povo sente, a dor que a costa sul sente, não cabe no peso do poema. São Sebastião, litoral norte de São Paulo. Luto eterno por todos e todas vítimas de racismo ambiental que não estão mais entre nós.”

Brenalta MC



Essa publicação é parte da produção dos jovens participantes do projeto “Juventude, Educom e Justiça Climática”, realizado nos bairros Juquehy, Camburi, Barra do Sahy, Boiçucanga e Itatinga, em São Sebastião SP. Agosto 2025 à junho 2026. Equipe : Sylvio Ayala - Educomunicador responsável / Ana Patrícia Arantes - Coordenadora do projeto / Grace Luzzi - Coordenação pedagógica / Dan Biasoli - Assistente pedagógico / Semíramis Biasoli - Coordenação geral. Agradecimento: Associação Amovila / Escola Raízes / E.M. Cynthia Cliquet
www.cumbuca.org



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO